

A família contemporânea – entre permanências, mudanças e os desafios da família cristã

Pesquisadora: prof^a Dra. Fatima Cristina Costa Fontes¹
Faculdade Teológica Batista de São Paulo
Departamento de Pós Graduação em Aconselhamento
Professora doutora em Serviço Social
Eixo Temático: Ministério
Categoria: Mesa redonda

RESUMO

O objetivo desta apresentação é refletir acerca da Família na Contemporaneidade, enfocando suas permanências, mudanças e, sobretudo apontando para os desafios vividos pela família Cristã nos tempos atuais.

Utilizaremos para isso de alguns elementos reflexivos oferecidos pela Sociologia da Família (François De Sinly), pelo olhar Antropológico (Cláudia Fonseca e Cynthia Sarti), da Medicina Social (Jurandir Freire Costa), da Psicologia Clínica (Cláudia Bruscajin, Denise Mendes Gomes e Fatima Fontes) e do Aconselhamento Familiar Cristão (Albert Friesen).

Buscaremos ao final, apresentar os principais elementos que poderão servir de base para uma melhor compreensão dos recursos disponíveis para a família contemporânea a partir da experiência religiosa, como condição de superação de seus conflitos e crescimento.

Entre permanências e mudanças surge a Família Contemporânea

Em todos os campos das ciências a função socializadora e matrizadora da família ocupa um lugar privilegiado, assim como se destaca o fato de que não há uma família “natural” e sim um trajeto sócio-histórico que permeiam as relações familiares: as relações familiares se definem nos seios de suas culturas e distintamente ao longo do tempo.

Portanto, nosso modelo contemporâneo de família nasceu de transformações sociais ocorridas desde os tempos modernos, mas guarda em suas “prescrições” de papéis e valores alguns elementos de tempos

¹ Fatima Fontes é Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica, Psicodrama e Terapia Familiar e de Casal. Mestre em Psicologia Social PUC/SP, Doutora em Serviço Social PUC/SP. Assessora para Universitários do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos – CPPC. Professora da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e da Faculdade Luterana do Brasil. Co-autora e Co-organizadora do livro: *Religiosidade e Psicoterapia*. Co-autora do livro: *Terapia Familiar no Brasil na Última Década*.

ainda mais remotos. Precisaremos estar atentos, para uma reflexão mais crítica da família, aos ciclos das continuidades e descontinuidades históricas das relações familiares.

Também precisaremos delimitar, numa análise crítica, a noção equivocada de “família ideal e unida” sempre ligada ao passado: parece que se idealizam as relações pré-modernas da família, olhando-a o mais das vezes como um “arranjo harmonioso e unido”, versus uma noção mais “fragmentada e desarmoniosa” das relações contemporâneas da família.

A mais simples verdade social e histórica é que os modos de operar das famílias expõem “sempre” um complexo e intricado mundo de interrelações. Fonseca (1995) salienta, numa análise evolucionista da família, que pesquisas antropológicas e históricas nos apresentam a mundos de mesquinhez financeira e ódios assassinos que existiam entre pais e filhos, entre irmãos e entre esposos nas “supostas” famílias unidas do passado. Bíblicamente temos o registro do primeiro homicídio humano tendo sido cometido no seio da primeira família humana, entre irmãos.

Particularizando a nossa família patriarcal brasileira, tão estudada por Gilberto Freyre, discorre Fonseca (1995) que este modelo possuía um contexto bem delimitado (região açucareira da época colonial) e um assentamento ideológico no “imaginário de uma elite populacional” do senhor de Engenho. Pesquisas históricas mais recentes demonstram que este modelo só era vigente para uma “pequena” parcela da população. Foram encontrados outros arranjos familiares em Minas Gerais e São Paulo no início do século XIX, nos quais havia um grande número de famílias em formato pequeno (de quatro a cinco pessoas), assim como um representativo número de famílias chefiadas por mulheres.

Diante de tais evidências podemos dizer que a “família patriarcal extensa” não parece ter sido mais comum no passado do que hoje e que as “famílias nucleares e chefiadas por mulheres” não são absolutamente uma “invenção da modernidade”.

Mas então, qual seria o ideal da família moderna, surgida em torno do século XVII [1875] e indo até os anos 1920? Poderemos apresentar três de suas caracterizações:

1. O indivíduo vai para o centro das relações sociais, é “livre” (de heranças sociais e religião), escolhe o cônjuge e incorpora o “amor romântico” ao laço conjugal.
2. O aconchego da unidade doméstica se torna um “abrigo” contra as pressões do mundo público.
3. Há a delimitação da importância central dos filhos e da mãe, enquanto a grande responsável pela socialização dos filhos.

Percebemos que foi no campo da individualização e conseqüentemente do mundo das “escolhas” individuais, que se instauraram as grandes mudanças modernas nos arranjos familiares, visto que nas sociedades

tradicionais, os indivíduos não tinham escolhas, seu lugar era dado à priori, pela herança social e pela religião. Contudo, os papéis sexuais e as novas obrigações entre pais e filhos passaram a obedecer (então, nem tão livre assim) a um padrão pré-estabelecido que foi preconizado pela “nova” Medicina (pela nova Psicologia, pela Educação e pelo Serviço Social) e sua proposta regulatória de higiene relacional, à qual a família deveria estar atrelada (COSTA, 2004).

Mas também a “família moderna” se transformou, pois ainda que moderna ela excluía, em seu novo código para o quadro interacional familiar, as mulheres dos instrumentos de acesso à razão, à independência de maneira geral, o que conduziu socialmente à família contemporânea ou à Família da Segunda Modernidade (SINGLY, 2007).

A Família Contemporânea: anseios e possibilidades

Desde os anos 1960 até os dias atuais, acompanhamos sempre no Ocidente, os passos dados pela Família Contemporânea. Os grandes movimentos sociais que lhe deram nascedouro foram: o movimento das mulheres, associado à sua maior escolarização o que as levam a uma maior conscientização de seu valor pessoal; cidadão e de seus direitos sociais (sobretudo ao próprio corpo – o controle da concepção e o reconhecimento das situações de estupro, inclusive conjugal e do assédio sexual e moral). E a individualização da criança, sustentada por uma lógica do mercado (ex. telefone celular que independentiza a criança e que também pode servir de controle).

Segundo Singly (2007) essa individualização da criança passou a ter exigências específicas comandadas por uma normatização psicológica e de direitos, que a apresentava como portadora da necessidade de certa estabilidade. Entretanto mesclado ao cenário de ampliação dos direitos e necessidades das crianças também misturando autonomia e proteção os “adultos foram reconhecidos: um maior domínio da sua vida privada, com a ampliação das formas de divórcio (que passou a ser mais consensual e indicando a alteração definitiva do elo conjugal)”. (SINGLY, 2007, p. 173).

Além disso, a Família Contemporânea será caracterizada pelo aumento da demanda da fluidez na formação dos laços eletivos ou contratuais. Neste ponto surgem divergências entre os estudiosos dos laços sociais na contemporaneidade: para alguns deles (Ulrick Beck e Zygmunt Bauman) surgiriam ao invés dos antigos arranjos compostos pelas famílias nucleares, os atuais aglomerados difusos de “folhas soltas compostas pelos indivíduos” (SINGLY, 2007, p. 175). Para outros (François de Singly; Cláudia Fonseca; Cyntia Sarti) o atual quadro de fluidez e flexibilidade das relações sociais atuais não tem por consequência a desvalorização obrigatória da durabilidade e solidez, esses dois aspectos

continuam sendo desejados por homens e mulheres, que em distintas pesquisas mostram a “fidelidade” como a primeira qualidade requerida ao parceiro.

Para esses autores, dos quais compartilho as ideias, há hoje, uma procura de equilíbrio entre as exigências de autonomia e de segurança. “Os indivíduos querem, ao mesmo tempo, ter asas e criar raízes... ou terem raízes portáteis” (SINGLY, 2007, p. 176).

Também a noção de ruptura total com as origens e heranças sociais e culturais preconizadas pelo grupo de pensadores que discorre sobre a Modernidade líquida é contestada. Afinal, a construção da identidade pessoal se baseia na contemporaneidade num distanciamento das dinâmicas estatutárias, porém de modo algum de sua supressão, visto que pessoas sem referências de suas origens vivem muito mal.

Quando se analisa, na contemporaneidade os fatores de sucesso na vida dos casais dois fatores aparecem: “ser mais atento às pequenas coisas do cotidiano” e “ser fiel”, tais fatores parecem apontar para a realização de uma linha negociada de compromisso e não de “liquidez da livre união”. Porém o grande desafio apresentado e co-construído nas relações familiares contemporâneas é o de “ser livres juntos”, buscando assim uma fórmula “quase mágica” para o binômio: “ser autônomo em uma relação de interdependência”, já que o grande chamado relacional contemporâneo é o da autonomia com independência.

Quando Deus é um membro do Sistema Familiar Contemporâneo

Na medida em que já explicitamos acima a nossa posição sobre família contemporânea, ou seja, a de que há um desejo pelo compromisso e pela negociação dessa interrelação familiar, desejamos agora acrescentar a dinâmica da experiência religiosa como elemento integrador e de proteção emocional e relacional nessas interrelações.

Encontramos vários estudos acadêmicos e do campo da prática psicoterapêutica e do aconselhamento comprovando a ação potencializadora da experiência religiosa nas famílias (BRUSCAGIN, 2008; FONTES, 2008; FRIESEN 2005; GOMES, 2008). Em todos esses estudos somos apresentados de diferentes formas a essa experiência, que além de ser apontada como um elemento de força nos embates de conflitos interrelacionais, outras vezes também é citada em seus efeitos geradores de tensão e muitas vezes desencontros familiares.

Encontramos também entre os casais com adesão religiosa conflitos oriundos da proposta contemporânea para as famílias, sobretudo no que tange à natureza definitiva do casamento e também face à noção de bem-estar coletivo dos laços familiares. Encontramos também entre os

casais religiosos elementos de uma busca incessante com a satisfação individual permanente dos membros da família, fator que muito tem contribuído para rupturas precoces de casamentos, sobretudo em jovens casais religiosos.

Mas a grande proposta de “mútua sujeição” e de cumprimento da proposta de vida pautada pelo compromisso ético relacional com Deus e com o outro, têm funcionado como o grande “Antídoto”, contra o sedutor apelo atual para uma auto-realização egoísta e auto-centrada. “Para os casais [e famílias] religiosos, encontrar a Deus em meio a seus conflitos e dilemas pode trazer uma abertura que pode oferecer novas alternativas para a busca de soluções que resolvam suas diferenças e, assim, fortaleçam sua relação.” (BRUSCAGIN, 2008, p.65).

Mas ainda ocorrem muitos equívocos na experiência relacional de algumas famílias religiosas, tais como: não se precisa de ajuda de nenhuma ordem face aos conflitos familiares, uma vez que Deus vai resolver todo e qualquer problema da família de uma maneira direta, bastando orar, fazer campanhas e jejuns meritórios da intervenção divina. Também a ideia de um padrão de vida perfeito no qual as falhas refletem a falta de um pacto de fé e no qual

“os erros mais comuns, as explosões de temperamento, os problemas de comunicação e da relação muitas vezes não são levados em consideração e resolvidos entre os casais, ou os problemas mais graves como o alcoolismo, abuso físico ou sexual são escondidos para que se evite a quebra da imagem de bons cristãos”. (BRUSCAGIN, 2008, p.64).

Outrossim, a experiência do divórcio entre casais religiosos evidencia a existência de um triplo conflito: os sofrimentos provocados pelos próprios conflitos não resolvidos; a relação com Deus e com a comunidade que o mais das vezes rejeita a situação de divórcio. A proposta de uma ação mais terapêutica e pastoral face a esse conflito talvez possa ser a de apresentar esse momento como fruto de nossas vicissitudes humanas e que ao invés da apresentação de um impiedoso Deus juiz, possamos mostrar a ação de um Deus, bom Pastor, socorro bem presente na angústia.

Os conflitos familiares com os filhos parecem obedecer a essa mesma possibilidade e impasse: ainda há muita idealização e padronização no comportamento de pais e filhos e pouca discussão e reflexão sobre o “que pode *não dar certo*”. A ação terapêutica precisará também passar, neste contexto pela apresentação de uma fé em um Deus do perdão e da graça e pela busca sincera e verdadeira por caminhos de resolução dos conflitos.

Considerações finais

Desejamos ter contemplado nosso intuito primeiro que era o refletir sobre a Família na Contemporaneidade, enfocando suas permanências, mudanças e, sobretudo apontando para os desafios e possibilidades para a família Cristã nos tempos atuais.

Vivemos tempos de incertezas e de angústias, como sempre os tivemos ao longo de nosso processo civilizatório, mas desejamos deixar aqui a centelha da fé como recurso que ilumina e amplia nossos horizontes, afinal, “a Fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se vêem... Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, *de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUSCAGIN, C. O Casamento na Visão Cristã: Deus como Membro do Sistema. In: BRUSCAGIN, C., SÁVIO, A., FONTES, F. e GOMES, D. M. (orgs.) *Religiosidade e Psicoterapia*. São Paulo: Roca, 2008.
- COSTA, J. F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2004.
- FONTES, F. A Criança, o Adolescente e sua Experiência Religiosa – Compreendendo o Fenômeno para Integrá-lo à Psicoterapia. In: BRUSCAGIN, C., SÁVIO, A., FONTES, F. e GOMES, D. M. (orgs.) *Religiosidade e Psicoterapia*. São Paulo: Roca, 2008.
- _____. Laços Intergeracionais Avós e netos: onde estão os pesquisadores? In: MACEDO, R. (org.) *Terapia Familiar no Brasil na Última Década*. São Paulo: Roca, 2008.
- FONSECA, C. Amor e Família: vacas sagradas de nossa época. In: RIBEIRO, I. ...[et al] *Família em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.
- FRIESEN, A. *Cuidando do Casamento: para conselheiros e casais*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.
- SARTI, C. Famílias Enredadas. In: ACOSTA, A. R. e VITALE, M. A. (orgs.) *Família, redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUC/SP, 2003.
- _____. Família e Individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (org.) *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/CORTEZ, 2002.
- SINGLY, F. *Sociologia da Família Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- _____. *Le Soi, le Couple et la Famille*. Paris : Nathan.